



DL-01

Ses. Esp. 15/03/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com o objetivo de debater assunto da Campanha da Fraternidade 2013 com o tema “Fraternidade e Juventude” e o lema “Eis-me aqui, envia-me”, proposta pelo nobre vice-presidente desta Casa, deputado Yulo Oiticica.

Para compor a Mesa, convido o proponente desta sessão especial, deputado Yulo Oiticica (palmas); Rvmº Sr. Dom Gilson Andrade da Silva, bispo auxiliar da Arquidiocese de São Salvador (palmas); Rvmº Sr. Pe. Sérgio Ricardo Gomes de Freitas, assessor eclesiástico do Setor Juventude (palmas); Srª Michelle Vieira, presidente do Cejuve (palmas); Sr. Eric Gamaliel, articulador das Pastorais da Juventude do Brasil (palmas); Srª Joyce König, coordenadora da Pastoral Universitária; Srª Ariselma Pereira, diretora da Fundac (palmas); Sr. Kâhu Pataxó, membro da Comissão da Juventude Pataxó (palmas); Sr. Thiesco Crisóstomo, secretário nacional da Pastoral da Juventude (palmas); Sr. Márcio Matos, secretário da Jornada Mundial da Juventude da Arquidiocese de São Salvador (palmas); Sr. Marcos Pereira, assessor da Coordenação Estadual de Políticas de Juventude da Secretaria de Relações Institucionais – Serin (palmas) e Sr. Eliton, educando da Fundac (palmas).

Ouviremos a *Banda Divina Luz* do bairro de Sete de Abril.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Assistiremos à apresentação da Banda Batucase, banda de percussão dos sócio-educandos da Case Salvador – Fundac. (Palmas)

(Apresentação musical) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças dos diretores do Sindiferro, Pedro França, Nelson da Mata e Roque Andrade.

(Apresentação musical.)



4866-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Yulo Oiticica

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao meu querido amigo e vice-presidente desta Casa, deputado Yulo Oiticica.

O Sr. YULO OITICICA:- Bom-dia a todos e a todas.

Muito obrigado, Banda Batucase, nossos meninos e meninas talentosos que vieram animar a nossa sessão.

Quero saudar a Mesa saudando o deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembleia Legislativa. Saúdo também o Reverendíssimo Bispo Auxiliar da nossa Arquidiocese, Dom Gilson Andrade da Silva, muito bem-vindo a esta Casa representando o nosso clero. Esta é a 14ª sessão que fazemos nesta Casa, sempre lembrando as Campanhas da Fraternidade, que naturalmente nos convocam a refletir temas extremamente relevantes não somente no período da quaresma.

Quero também saudar o padre Sérgio Ricardo, que coordena o Setor Juventude em nossa Arquidiocese; a presidenta do Cejuve, Michele Vieira; o articulador da Pastoral da Juventude do Brasil, Eric Gamaliel; a coordenadora da Pastoral Universitária, Joyce Koinig; a diretora da Fundação da Criança e do Adolescente, Ariselma Pereira; todos os homens, mulheres, técnicos, profissionais, educadores e educandos da Fundac aqui presentes; o membro da Comissão da Juventude Pataxó de Coroa Vermelha, que também é membro do Conselho Estadual de Política Pública para a Juventude, nosso companheiro Kâhu; o secretário da Pastoral da Juventude Nacional, Thiesco; o secretário da Jornada Mundial da Juventude em nossa Arquidiocese, Márcio Matos; o assessor da Coordenação de Juventude do governo do Estado, uma coordenação que existe na Secretaria de Relações Institucionais do Estado da Bahia, Marcos Pereira; o educando Eliton; o missionário africano padre Sérgio.

É extremamente importante, Dom Gilson, que a CNBB, depois de 21 anos, traga o tema Juventude para ser debatido na sociedade brasileira. Como é o método da CNBB nesta



Campanha da Fraternidade: Ver, Julgar e Agir. Portanto, esta Casa tem de fazer esse debate como dever de ofício. Não só para conhecer o já tão conhecido diagnóstico da juventude, de modo especial, baiana, mas pensar alternativa concreta de políticas públicas para a juventude.

Debater esse tema no ano em que vamos sediar a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, no mês de julho, e como católico fui assessor da Pastoral da Juventude e a assessoriei durante dez anos em nossa Arquidiocese, é com muito prazer que, mais uma vez, trago a esta Casa esse debate tão importante. Esta, sem dúvida, D. Gilson, é uma semana muito especial para todos nós.

A fumaça branca que saiu da Capela Sistina acho que vem, de fato, anunciar um novo momento da nossa igreja. A escolha do nosso novo papa Francisco e a renúncia do nosso papa emérito Bento XVI convoca-nos a uma grande reflexão, porque não tenho dúvida: brigar para chegar ao poder tem muito de humano, mas estar no poder e renunciar a ele tem muito de divino. Essa atitude do nosso papa emérito convoca-nos, verdadeiramente, a fazer uma reflexão do poder como dimensão do serviço, como nos ensinou muito bem o nosso Mestre.

O jeito simples e humano do nosso novo papa Francisco já foi sentido nos primeiros momentos de sua apresentação ao mundo. Não tenho dúvida de que a escolha deste nome refletirá no seu pontificado, e ele recebe um chamado de Deus, assim como outrora Francisco de Assis, que recebeu exatamente a convocação: “Vai e transforma a minha Igreja. Vai e transforma a nossa Igreja”. Os cardeais reunidos na Capela Sistina foram iluminados pelo poder do Espírito Santo e buscaram verdadeiramente o novo. Rezemos para que o nosso novo papa Francisco encontre muita força e discernimento, sabedoria e caridade para na sua missão lidar com os conflitos da atualidade, lidar com a nossa ampla Igreja em todo canto do Planeta.

Ao promover esta sessão, quero refletir e, mais uma vez, registrar a contribuição do nosso mandato na luta para garantir políticas públicas para a juventude. O desafio de



refletir – a juventude pressupõe, D. Gilson, pensar os 30% da população brasileira, mas, mais do que isso, deputado Marcelo Nilo, representa quase 50% dos homicídios.

Portanto, fazer este enfrentamento, Thiesco, que a Pastoral da Juventude tem tido a coragem de fazer em todo o nosso País, é extremamente importante. Esse desafios que estão colocados para nós, exatamente por conta da Campanha da Fraternidade, faz com que a gente possa beber na fonte da experiência, não só nas 50 Campanhas da Fraternidade que tivemos, mas há 21 anos, regida a nossa Arquidiocese pelo nosso saudoso D. Lucas, tivemos ali a possibilidade de abrir as portas da igreja, inclusive com momentos do bom conflito, D. Gilson.

Lembro, há 21 anos, portanto, ali eu era jovem, dos nossos bons conflitos que vivíamos e a juventude extremamente apreensiva na Assembleia Arquidiocesana, depois na preparação da Campanha da Fraternidade, quando achava que não ia estar no debate, verdadeiramente, a juventude, quando foi composta a Mesa naquela época sem a presença da juventude, e D. Lucas, no final do dia, refletia com as Pastorais da Juventude, e colocou exatamente a juventude para comandar o dia seguinte.

Portanto, Thiesco, essa, sabemos todos nós, não é uma novidade, a Igreja abrir as portas para o protagonismo juvenil, em que pese essa nomenclatura nascer na década de 80, é hoje que verdadeiramente pulsa no meio de nós o protagonismo da juventude.

A juventude vive a dupla opressão em nossa sociedade: a dominação de classe burguesa e a dominação gerencial, que é o controle ideológico e material do “mundo velho sobre o mundo novo”. A juventude do mundo e no Brasil luta em seus movimentos na construção de uma outra sociedade, não só no grande grito de que um outro mundo é possível, mas na certeza de que as suas mãos são fundamentais para a construção desse novo mundo.

Infelizmente a juventude, que hoje ainda é colocada, em alguns governos, como ponta de lança do enfrentamento à violência, infelizmente, neste momento no Congresso brasileiro, D. Gilson, tantas PECs ainda circulam para redução da maioria penal. É profundamente lamentável que num momento como este, quando a juventude deveria ser



enxergada no seu protagonismo, no seu potencial de transformação, ainda tenhamos senadores e deputados federais, Prazeres, que querem reduzir a maioria penal. (Palmas!)

Que pena que alguns legisladores do nosso País acham que a alternativa é cadeia mais cedo, castigo mais cedo. Precisamos dizer em alto e bom som, padre Sérgio, como temos dito em todo canto, que juventude não é caso de polícia. Juventude é caso de política pública.

É exatamente por isso que este ano a nossa Igreja, seguindo a recomendação do nosso saudoso papa João Paulo II, faz a Jornada Mundial da Juventude, momento de reunir todas as tribos, todas as organizações, todas as juventudes - como tem sido o grande debate deste País - para que possamos, sob os braços abertos do Cristo Redentor, com a juventude do mundo inteiro refletir verdadeiramente sobre a realidade da juventude brasileira.

É exatamente por isso, Marquinhos, que precisamos junto com a Serin, a Coordenação de Juventude, as Pastorais da Juventude, talvez... Como estávamos conversando na antessala, os índios costumam pintar o rosto de vermelho para a guerra, mas também para reverenciar momentos importantes. É o caso agora. Porém, quando pintam o rosto de preto, é para combater com lanças. No nosso caso, com as armas que temos para enfrentar a violação dos direitos humanos da nossa juventude.

É por isso que é extremamente relevante que o governo da Bahia tenha, Eliton, um Conselho Estadual da Juventude. Você e eu somos daqueles que brigaram na nossa época. Ali cabia à juventude a contestação, o grito nas ruas, mas infelizmente não o protagonismo real. Hoje podemos verdadeiramente, Thiesco, fazer o grande debate no Conselho Estadual de políticas públicas de Juventude, mas também no Conselho Nacional, na Coordenação Nacional.

Justamente por isso, Marquinhos, é muito bom quando o governo da Bahia se propõe, num momento como este, a aprovar o Conselho Estadual de Juventude e um Plano Estadual. Aprovamos por unanimidade aqui, Thiesco, sob o comando do nosso presidente, deputado Marcelo Nilo, a política pública para a juventude nos próximos 12 anos.



Portanto, isso é pensar política de juventude como política de Estado, como tem que ser, e não meramente política de governo, porque sabemos que os governos são transitórios. É preciso pensar verdadeiramente a nossa juventude aproveitando o seu protagonismo, o seu vigor revolucionário não só para contestar, mas também formular e gestar políticas públicas. Isso é fundamental, e é exatamente para tudo isso que somos convocados.

A nossa Igreja, como eu disse, no desafio e ouvindo o grito, o protesto da CNBB, traz este debate para o poder público. D. Gilson, esta Casa tem a obrigação de fazer este debate. Precisamos pensar que a dinâmica da juventude nos convoca a compreender os novos tempos. Também precisamos compreender que não é mais um momento do passado, quando cabia à juventude segurar a bandeira, simplesmente carregar o piano.

Não tenho dúvida de que a juventude não abre mão de carregar a bandeira, mas quer muito mais do que isso. A juventude quer formular políticas para fazer um enfrentamento real à violência. Infelizmente, na década de 90, a atuação de grupos de extermínio cresceu 39% no Rio de Janeiro, 41% em São Paulo e 291% na Bahia! Isso na década de 90!

Trouxemos aqui à Bahia a relatora especial da ONU sobre Execuções Sumárias, Arbitrárias e Extrajudiciais para um debate. Quando veio ao Brasil, o primeiro Estado que ela visitou foi exatamente o nosso. Não podemos aceitar o genocídio dos nossos jovens. Infelizmente, Moisés, ainda nessa lógica, o jovem negro e rico é quase branco, e o jovem branco e pobre é quase negro. Precisamos enfrentar isso, até porque é quase “não é negro e não é branco”. Lamentavelmente são os nossos jovens negros, na maioria absoluta, os ainda assassinados todos os dias nesta nossa capital, no nosso Estado e em nosso País. Quase a metade dos homicídios na nossa Nação é exatamente de jovens entre 15 e 29 anos.

Precisamos fazer esse enfrentamento com muita coragem. Infelizmente colocar os números embaixo do tapete é não ter a coragem de enfrentá-los, padre Sérgio. E é exatamente para isso que a Igreja nos convoca - a Assembleia Legislativa, a Secretaria da Segurança. As políticas públicas transversais em nossas secretarias, porque esse é o grande



debate, Dom Gilson, e infelizmente ainda não contamos com a compreensão de muitos quando queremos criar a Secretaria de Juventude, porque o gestor sempre pensa logo em orçamento, não compreende que a transversalidade é que é fundamental e que uma Secretaria de Juventude tem muito mais o papel articulador dessa transversalidade do que finalístico. Política de juventude está na segurança pública, está da educação, na assistência social, na cultura, no esporte, no trabalho, na fazenda, está em todas as secretarias.

É esse desafio, Marcos, que a coordenação tem feito muito bem, você e o companheiro Vladimir têm feito esse debate diuturnamente, porque o Governo tem que, verdadeiramente, por dentro fazer esse debate.

Faço parte, Dom Gilson, representante desta Casa, convocado pelo deputado Marcelo Nilo, para o Pacto pela Vida. Esse programa é uma articulação de três secretarias de Estado, com a presença do Poder Legislativo, do Poder Executivo, do Poder Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria Pública. Dessa forma nós podemos, verdadeiramente, enfrentar essa questão.

Não tenho dúvida, Moisés, a nossa geração tem um papel extremamente importante, mas é preciso compreender a juventude de hoje como vanguarda desse processo. E é exatamente por isso que a Pastoral da Juventude tem fornecido quadros extraordinários para isso. Não é à toa que você está onde está, não é à toa que temos a companheira Michele, da Pastoral da Juventude, hoje, à frente do Conselho Estadual da Juventude. Então, Michele, sem dúvida, está de parabéns pelo desafio de regionalizar esse Conselho.

Ainda temos numa Bahia gigantesca, de 417 cidades, a lógica de que os Conselhos devem reinar na capital e acabam deixando de ser Conselho de Estado e passam a ser Conselho da Capital. E esse desafio de regionalizar, que vocês têm feito, dinamizando as reuniões, fazendo com que elas sejam itinerantes, trazendo a juventude do interior do Estado para fazer o debate indo até ela, é extremamente importante.

E é nesse sentido que quero saudar aqui a nossa companheira Selma, diretora da Fundac, ela e todo o seu time que está aqui tem feito da Fundação da Criança e do Adolescentes do Estado da Bahia, Dom Gilson, uma referência nacional. Felizmente, hoje,



temos na Bahia uma experiência que nunca houve. Parafraseando o nosso companheiro Luiz Inácio, nunca antes na história da Bahia se viu os jovens que cumprem medidas socioeducativas.

O Estado sempre não os enxergou, sempre foram invisíveis ao olhar do Estado e marginalizados ao olhar da sociedade. Hoje, os jovens sentam à mesa conosco porque são cidadãos como qualquer um de nós, e esses têm que ser vistos, verdadeiramente, Selma, como vocês têm visto, como jovens que merecem e precisam de políticas públicas. Entendo, Dom Gilson, que quando o senhor vai à Casa Salvador, quando o senhor leva a Cruz peregrina, quando o senhor vai celebrar aqueles meninos e chega lá como um pastor que reconhece as suas ovelhas e faz da liturgia um momento de encontro, mas do que a concepção meramente litúrgica, mais do que o rito litúrgico, o encontro com o outro, como é verdadeiramente a nossa celebração eucarística.

Isso que é fundamental, esse olhar diferenciado para os nossos jovens, porque com relação a eles o Estado, sem dúvida nenhuma, falhou. E não podemos reduzir a maioria penal exatamente por isso, porque se reduzirmos a idade penal nós penalizamos mais uma vez a juventude. Quem tem dúvida do que estou falando, tente bater um papo com um desses meninos e vocês vão imediatamente identificar, Padre Sérgio, que aqueles dali não são culpados, na sua maioria absoluta, são vítimas de um Estado negligente que não garante ainda políticas públicas para a nossa juventude. Essa visão é fundamental, e se a nossa geração, se a minha geração não conseguiu abrir as portas porque eles não deixaram, nós preparamos, sem dúvida, uma juventude capaz de arrombar qualquer porta.

Portanto, ninguém, hoje, fecha as portas para a juventude, porque esse protagonismo é real e a Pastoral da Juventude tem feito esse debate nacional nessa perspectiva do enfrentamento não só da formulação, mas a gestão da política pública.

É nesse sentido que quero concluir meu pronunciamento, Dom Gilson, convocando a Assembleia Legislativa, junto com todas as organizações de juventude, para fazer o grande debate, para discutir o que esta Casa já apresentou de políticas públicas para a juventude, o que tramita na Casa relacionado a esta questão, para que a gente possa,



verdadeiramente, fazer esse enfrentamento, fazer com que a gente possa ter uma Assembleia Legislativa voltada aos problemas da juventude baiana, para que essa deixe de ser o grande índice da violência e passe a ser, verdadeiramente, não só sujeitos, mas visíveis ao olhar do Estado, ao olhar da política pública.

Quero concluir, Dom Gilson, fazendo reverência a um saudoso padre que foi uma referência para todos nós, juventude da arquidiocese. Todos tiveram a oportunidade de conhecer um padre que veio para o Brasil, largou o grande continente, o continente mãe para aqui fazer o debate de políticas públicas da juventude, estou falando do Padre Mathon. Aquele que teve a coragem de enfrentar muitas portas fechadas, teve a coragem de enfrentar, Sérgio, esse desafio onde à época até chamavam de padre vermelho, exatamente para evitar que ele trouxesse o debate da juventude. E ele dedicou simplesmente tudo, dedicou a vida a fazer com que a juventude tivesse verdadeiramente participação direta nas nossas comunidades.

É nesse sentido que queremos também, logo após o meu pronunciamento, fazer uma homenagem ao nosso Padre Mathon, através da nossa comissão arquidiocesana, companheira Jaqueline.

Mas quero concluir lembrando mais uma vez a inspiração dos nossos Cardeais ao escolher Francisco para comandar esse momento. Se alguns diziam que o nosso Papa emérito era conservador, ele deu uma demonstração que é revolucionário, quando verdadeiramente nos dá a lição de poder como dimensão de servir. E não tenho dúvida que na jornada mundial da juventude, primeiro encontro, portanto, grande encontro público onde o Papa Francisco irá estar no meio de nós, teremos a oportunidade de dar o grande grito da Igreja, a grande manifestação da igreja por políticas públicas para a nossa juventude.

Vamos convocar a comissão arquidiocesana para que possamos “in memórian” lembrar o nosso querido Padre Mathon, dizendo que não tenho dúvida que alguém que dedicou a vida como ele à missão da juventude, tem certamente um lugar privilegiado do lado do Pai. Bem aventurados aqueles que enxergam a juventude, porque não tenho dúvida,



a ela não pertence o futuro, a ela o presente para que possa empunhá-la e construir um outro mundo porque não temos dúvida.

(O Plenário se manifesta fora do microfone)

O Sr. YULO OITICICA:- Nunca antes na história deste Estado tivemos verdadeiramente uma educação como existe hoje, esta Casa foi responsável nos últimos 6 anos por aprovar com urgência, urgentíssima, companheiro Prazeres, todos os projetos que chegavam até aqui relacionados a educação. É exatamente por isso que o governo do PT quando assumiu a Bahia tinha uma universidade federal e hoje temos 5 universidades federais.

Estive há 15 dias, Dom Gilson, sendo paraninfo, Rose, da 1ª turma de Serviço Social, a 1ª turma formada de assistentes sociais de uma universidade pública na Bahia, na Universidade do Recôncavo do Estado.

Pensar a Educação é fundamental para nós. E é exatamente por isso que a Fundac abre 500 vagas de curso profissionalizante, voltado à educação dos nossos jovens. Exatamente para isso, Moisés, porque é fundamental você como pedagogo, você como professor e militante dos Direitos Humanos compreender verdadeiramente isso, Prazeres, a juventude é caso...

(O Plenário se manifesta fora do microfone.)

O Sr. YULO OITICICA:- Absolon é um companheiro da Comissão de Direitos Humanos que atua conosco, é um policial militar e sabemos desse desafio. Quando disse que vivemos um novo mundo, temos que ter a ousadia inclusive para pensar numa nova legislação. Estou vendo daqui Cláudio, um estudante de direito, que dizia outro dia que existe ainda em nosso País uma lei que tem que chamar advogado e médico de doutor, mesmo sem ter doutorado. Esse Brasil não existe mais, mas a lei ainda existe, e o pior, a cultura ainda existe.

É preciso que pensemos verdadeiramente o espaço da escola como um espaço sagrado, e, infelizmente, se é verdade que aumenta a violência dentro da escola, a escola deve ser compreendida não como um espaço para a polícia mas para a educação. O desafio



de uma pedagogia libertadora está posto na mão de todos nós e não tenho dúvida, não há política e não há cultura que aconteça sem a participação direta do Estado e da sociedade.

Vamos juntos, portanto, construir um Brasil de todos nós, uma Bahia mais justa e compreender que a nossa juventude é vanguarda e protagonista do novo momento convocado por todos nós e, de um modo especial, pela CNBB para o grande debate de políticas para a nossa juventude.

Vamos, então, fazer a nossa homenagem ao Padre Mathon.

(O deputado Yulo Oiticica procede à entrega da homenagem) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-02****Ses. Esp. 15/03/13**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromissos parlamentares assumidos anteriormente, passo a presidência dos trabalhos ao querido vice-presidente Yulo Oiticica.

Antes, contudo, gostaria de agradecer a presença de todos e parabenizar o proponente desta sessão cujo objetivo é debater a Campanha da Fraternidade de 2013. Neste momento importante em que o mundo vive, tendo em vista que todos nós acompanhamos a decisão dos cardeais que escolheram o Papa Francisco, é óbvio que o mundo é globalizado, é óbvio que o mundo do avanço da tecnologia progride em diversos fatores, mas também é um mundo onde nós vivemos momentos difíceis, com as guerras, com os terremotos e com a pior seca dos últimos 55 anos na Bahia, é um momento em que nós, pais e homens públicos, estamos enfrentando uma violência jamais vista no nosso Brasil, fruto das drogas, fruto da falta do amor, da fraternidade, da família e, sobretudo, o amor ao próximo... Portanto, é nesse mundo em que nós vivemos.

Ficamos felizes quando o cidadão, um homem, o Papa, sem dúvida nenhuma, a pessoa, em tese, mais importante do mundo, renuncia para que os católicos escolham um novo Papa. O gesto de Bento XVI, sem dúvida nenhuma, foi um dos mais nobres que eu vi ao longo de toda a minha vida. A grandeza, a humildade de renunciar à condição de papa que, sem dúvida nenhuma, é o homem, em tese, mais importante, mais conhecido e mais acompanhado do planeta chamado Terra... Portanto é este o momento que vivemos, de alegria, de vermos a educação avançando. Aqui, na Bahia, por exemplo, o governo Jaques Wagner alfabetizou, através do Programa Topa - Todos pela Alfabetização, mais de 1 milhão de baianos.

Mas também vivemos com essa peste social chamada *crack* que está enraizada em todo o Brasil, em todos os estados, em todos os municípios. Mas só resolveremos esse problema se o enfrentarmos juntos com o governo do Estado. Porque o problema da



segurança pública não é apenas de governo, é um problema de Estado em que todos nós devemos participar para combatê-lo. O pai, a mãe, o professor primário, o padre, o pastor, o radialista, o líder comunitário, o vereador, o deputado, o prefeito, o governador, todos nós devemos mostrar às crianças que têm 8, 9 anos de idade, quando sua personalidade está sendo consolidada, que podem seguir dois caminhos na vida: o do bem – e aí você pode ser engenheiro, médico, dentista, comerciante, funcionário, gari, vaqueiro, mas vai ter uma família, uma profissão; ou vai para o caminho do mal – traficante ou bandido – e quando a polícia chegar vai levá-lo ou para a cadeia ou para o cemitério.

Portanto, gostaria muito de parabenizar o deputado Yulo Oiticica, deputado experiente, sério, atuante, assíduo, responsável. Porque temos aqui deputados evangélicos, mas deputado católico atuante, pelo menos nesses 23 anos que estou aqui, nesta Casa, salvo engano, é o primeiro.

Respeito todas as religiões, e fiquei muito feliz na caminhada do Bonfim quando vi o padre, o pastor, a mãe-de-santo do candomblé, o espírita, cada um fazendo a sua homenagem, a sua oração, porque temos que respeitar as religiões. Óbvio que a católica é a maior, é a que tem, diria, em torno de mais de 80% de praticantes, pelo menos na Bahia, mas temos que respeitar as crenças, as religiões. Independentemente da religião, o importante é a pessoa crer.

Só ajudaremos o Brasil, a Bahia, Salvador no combate à criminalidade se tivermos crença, se tivermos esperança. O cidadão...

(Um convidado faz um comentário fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- O quê?

(O convidado diz que é preciso haver educação também.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Você também tem obrigação de ajudar na educação. Todos nós.

(O convidado fala com o presidente.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Um momento, deixe-me concluir, depois o senhor fala, vamos organizar. Sou uma pessoa que respeita todos os pensamentos. Agora,



vamos primeiro ouvir, porque se ficar no debate, um falando de lá e o outro de cá, vamos perder-nos. Quero respeitar todas as opiniões. Inclusive, como presidente, posteriormente darei o microfone para o senhor falar. Aqui qualquer pessoa pode falar. Aqui, é uma sessão especial em que todos podem falar. Agora, a pessoa está falando e o outro interrompendo, terminamos perdendo o raciocínio, como perdi agora.

Peço desculpas, mas acho que o debate tem que ser organizado. Acho que todo mundo tem sua opinião. Por exemplo, o companheiro ali levantou uma tese que é polêmica, e respeito a opinião dele. Mas como é que vai-se ter um policial em frente à escola desarmado? Realmente, respeito sua opinião, mas é uma coisa que não estou entendendo. O policial não pode ficar desarmado, nenhum policial pode ficar desarmado.

E quando nós solicitamos, aliás, quando nós exigimos do governo do Estado segurança pública para as escolas é para dar proteção aos alunos, aos professores. Agora, eu não posso concordar, apesar de respeitar a opinião de cada um, com um policial ficar na frente da escola desarmado, primeiro porque é ilegal. O Estado não pode, sob hipótese alguma, mandar um policial para a rua desarmado, não tem como enfrentar a criminalidade. Porque o policial, ele tem, quando ele sai de manhã..., porque a briosa Polícia Militar da Bahia, eu sou apaixonado pela Polícia Militar, porque quando sai de casa, todos eles saem para enfrentar a criminalidade.

E o governador Jaques Wagner, e aí quero fazer justiça, eu, pelo menos, estou aqui há 23 anos nesta Casa, foi o governador que mais investiu, na Bahia, em segurança pública. Recentemente, ele equipou a Polícia Militar com 41 mil equipamentos, coletes, armas, viaturas, inclusive deu a GAP 4 e a GAP 5, melhorando o salário do militar. Porque o militar quando sai de casa..., e um militar me disse uma vez: “Presidente, todas as vezes que eu saio de casa eu beijo os meus filhos, porque não sei se eu volto”. E quando ele sai para enfrentar um traficante, um bandido, é uma profissão difícil. Então, nós não podemos, jamais, pedir a um militar que fique na frente de uma escola desarmado, ele tem que estar muito bem armado, agora ele tem que estar consciente do papel dele.



Eu só acredito neste país se nós investirmos na juventude, eu só acredito nesse país, você tem toda a razão, se nós investirmos na educação. (Palmas)

E aqui eu disse o seguinte, o governador Jaques Wagner, com o Programa TOPA – Todos pela Alfabetização, alfabetizou mais de 1 milhão de baianos. Coronel João Sá é uma cidade, na Bahia, onde foi lançado o TOPA, que tinha o pior índice de educação no país, e o Estado de Anísio Teixeira não pode conviver, ainda, com uma pessoa analfabeta, ou seja, você tem que procurar meios no sentido de colocar uma pessoa para estudar.

Eu vou contar uma história rapidamente para os companheiros e companheiras. Eu, por exemplo, nasci na roça, nasci no sertão, eu sou praticamente lá do Raso da Catarina, e quando eu era menino, quando eu tinha assim 5,6,7,8,9 anos de idade, minha saudosa mãe, que foi a primeira professora primária do Nordeste, me dizia o seguinte: meu filho, vá estudar. Eu não gostava de estudar, eu gostava de brincar de bola, de subir no cajueiro, brincar de “guerrô”, puxar o cabelo das meninas, eu não gostava de estudar. E minha mãe me dizia: “Meu filho, vá estudar, você é uma pessoa inteligente, vá estudar”. E naquela época eu ficava sempre pensando que eu queria trabalhar na farmácia do meu pai ou ser vaqueiro. Um dia eu estava indo para a escola, estava chovendo muito e eu fiquei debaixo de uma árvore, e naquele momento caiu um raio positivo, caiu um “tchan” na minha cabeça e eu disse: sabe de uma coisa, eu vou ser doutor, eu vou estudar. E vim para Salvador, morei em pensionato, e anteontem fez 40 anos que eu cheguei do interior, porque quando eu cheguei no pensionato, no Tororó, eu cheguei no mesmo dia que chegou Jorge Portugal, ex-compositor, e ontem ele me procurou lembrando que nós fizemos, anteontem, 40 anos que chegamos na pensão de Dona Nicinha.

Então, eu vim estudar em Salvador e nunca imaginei na vida chegar onde eu cheguei, nunca imaginei, presidente da Assembleia quatro vezes, governador interino, eu nunca imaginei chegar onde cheguei. Isso quer dizer que quando o companheiro ali levanta a defesa da educação eu fico feliz, porque nós só avançaremos neste país, se nós investirmos, com prioridade, em educação.



Agora, educação é prioridade é, mas segurança pública também, a seca também é. Os nossos irmãos baianos, no sertão, no semi-árido, estão passando sede e fome, mesmo com os investimentos que o governador Jaques Wagner tem feito, perfurou quase 4 mil poços artesianos, fez diversas adutoras, agora mesmo fez a Adutora do Algodão, lá na região de Guanambi, senão nós íamos ter falência completa naquela região. Vai inaugurar, semana que vem, a Adutora do São Francisco, para Irecê, sob pena de a região entrar em colapso total. Educação é prioridade.

Quero dizer o seguinte: eu conto essa história rápida aqui para vermos a importância da educação. Sabe por quê? Porque o governante, hoje, tem que dar como prioridade a educação. A educação ajuda na saúde, ajuda no combate a criminalidade, ajuda em tudo. Agora, tem que ter a participação da sociedade.

Portanto, gostaria de concluir, passar a presidência dos trabalhos ao companheiro Yulo Oiticica, que é meu amigo, um grande deputado, atuante, que defende os índios, defende os negros, defende a juventude, defende os idosos. Eu sou presidente dos iguais, mas os iguais aqui são muito diferentes. Cada um com um objetivo. Um defende um partido, o outro defende uma região, o outro os negros, o outro as mulheres, o outro os índios, o outro os comerciantes, o outro os empresários, mas todos com o objetivo único de servir a Bahia.

Portanto, deputado, parabéns por este momento importante de nós aqui estarmos debatendo a Campanha da Fraternidade, num momento ímpar da vida mundial, quando no Vaticano os Cardeais escolheram um latino-americano para representar a Igreja.

Todos nós torcemos por um brasileiro, mas ficamos felizes por um irmão latino, porque o importante é que possamos rezar pelo Papa, para que o mesmo possa ajudar a paz mundial, a paz do nosso planeta chamado Terra. Que o Papa possa ajudar no combate a criminalidade, na redução das drogas, porque só somos felizes quando vemos os irmãos felizes. Nós só somos felizes quando podemos servir ao próximo, quando você larga sua vida privada, como eu larguei a minha de engenheiro, como o deputado Yulo largou, para



tornar-se homem público. Temos que dormir com a consciência tranquila e sempre querer servir e amar ao próximo, porque o próximo precisa muito do poder público.

Parabéns ao deputado Yulo Oiticica. Peço licença por compromissos assumidos e passo a Presidência dos trabalhos para o companheiro Yulo Oiticica. Mas, se os companheiros quiserem falar, depois, peço ao deputado Yulo para ceder. Inclusive, vou acompanhar do gabinete. Acho que o debate é importante, as ideias são importantes, mas o objetivo de todos nós aqui é ter amor, é ter família, é ter paz e, sobretudo, amor ao próximo.

Muito obrigado. (Palmas)



4867-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Erick Gamaliel

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):-Convido para fazer uso da palavra nosso companheiro Erick, que é articulador da Pastoral da Juventude do Brasil. Queria convidar o vereador da cidade de Feira de Santana, nosso companheiro Pablo Roberto, representando portanto os legislativos municipais. (Palmas)

O Sr. ERICK GAMALIEL:- Bom-dia a todos e a todas, primeiro queria dizer que é uma alegria muito grande estar nesse espaço, entendendo que aqui representa as quatro pastorais da Juventude que temos no Estado da Bahia, e na região Nordeste, três, nos estados de Bahia e Sergipe.

Digo também que é uma felicidade muito grande, por ser um jovem que vem de um pedaço da Bahia, que é quase Goiás, que estamos já a 900 km da Bahia. E falar de juventude, nesse tempo em que estamos tão em foco, estamos no centro das discussões, é importante lembrar, neste caso, no Estado da Bahia, que existe uma juventude que também está um pouco mais distante, acho que a fala de Yulo nos remete a isso, de não entender como na Bahia, a capital, a juventude está bastante distante desse espaço.

Gostaria de iniciar essa fala dizendo que venho, ainda embalado por uma perda recente de um padre que era pároco na diocese de Barreiras, na cidade de Angical, que há sete dias foi assassinado. Trago esse fato para contextualizarmos, também no tocante à juventude, que o Padre Renan Raimundo Valeté foi assassinado por um jovem e mais dois adolescentes. E falar de juventude, falar de Campanha da Fraternidade sem lembrar de toda essa juventude, que vem de um processo de marginalização, de empobrecimento que, na falta de expectativa de vida, na falta de oportunidades, acaba em situações como essas; e depois de situações como essas, passam por um processo muito grande de julgamento.

E ter como tema: “Eis-me aqui, envia-me” é colocar-nos diante dessa juventude sem oportunidade, sem emprego, diante das situações de marginalização e criminalidade. E



aí colocamo-nos frente a duas situações que nos convidam a sermos anunciadores, tal como Padre Reinan o foi, de acolher jovens na situação de empobrecimento. E colocamos também o rosto dessa juventude que está sem oportunidade, precisando de novos espaços, que precisa de educação de qualidade, de segurança pública - que não são armas, viaturas, ou somente policiais, mas de muitas outras coisas que vão para além de tudo isso.

E aí fazendo um paralelo de 21 anos atrás quando a juventude foi o tema da Campanha da Fraternidade na Igreja, tínhamos como símbolo os pés da juventude, o cartaz de 92 era a juventude dando passos e o lema “Caminho Aberto”, trazemos hoje no cartaz da Campanha o rosto da juventude.

Jorge Trevisol em uma das suas canções diz: “Se a juventude viesse a faltar, o rosto de Deus iria mudar.” Acho que a Campanha da Fraternidade de 2013 convida-nos a pensar que rostos jovens são esses que precisamos olhar, acolher, precisamos trazer não somente para o seio da igreja, mas ir ao encontro desses jovens onde eles estão. E aí temos uma infinidade de rostos jovens que precisam ser acolhidos, que precisam, no mínimo, ser vistos, rostos de jovens negros, jovens mulheres, jovens homossexuais, jovens do campo, jovens estudantes, jovens desempregados, jovens marginalizados, jovens empobrecidos. A Igreja faz opção pelos jovens empobrecidos.

Dizer: “Eis-me aqui, envia-me” é dizer e entender que precisamos estar frente a frente com toda essa juventude acolhendo e fazendo essa juventude parte de todos os nossos espaços. E falar disso no meio da igreja, no meio popular também, é entender que nós somos essa igreja jovem, somos essa juventude que está presente nos diferentes espaços.

Na Bahia, temos a alegria de caminhar juntos e no Nordeste III também, nos Estados da Bahia e Sergipe. A juventude está nas Pastorais da Juventude em quatro espaços específicos: a Pastoral da Juventude que está mais imbuída nas discussões no meio eclesial; a Pastoral da Juventude no meio popular que está nos bairros, nas periferias, que está nas discussões políticas; a Pastoral da Juventude Estudantil que está nos espaços escolares; e a Pastoral da Juventude Rural. Essas quatro especificidades de juventude nos chamam a atenção de que devemos, de fato, pautar todas as juventudes que temos, que precisamos



acolher todas elas e entender que dizer: “Eis-me aqui” nos impulsiona e nos interpela a estar no meio de todas essas juventudes pautando um Cristo que é jovem, que acolhe, mas pautando políticas públicas que acolhem e que também fazem a vida da juventude acontecer.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4868-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Joice Koining

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Eric.

Vamos ouvir agora a apresentação poética do grupo Ágape. (Palmas)

(Apresentação do grupo Ágape.)

(Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Grupo Ágape. Eu também confio muito em vocês.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Antes de conceder a palavra ao próximo orador, registro a presença da importante deputada desta Casa, Maria del Carmem.

Gostaria de saudar o 1º Tenente Fábio Renato, encarregado da assistência religiosa do 12º Distrito Naval; Pe. Moussa Serge da Paróquia Santa Mônica, missionário africano; Pe. Ferdinando Cabrini; Sr. Luís Carlos, vereador de Salvador; Josafá Ramos, vereador do PT de Angical; Pe. Wellington da Paróquia Nossa Senhora do Rosário; Marco Trindade, vereador de Ibirataia; Sidnei Ângelo, membro do Conselho Nacional de Juventude, e o Pe. Wellington da Arquidiocese de Ilhéus.

Convido, para fazer uso da palavra, a coordenadora Joyce König da Pastoral Universitária.

A Srª JOYCE KONIG:- Bom-dia a todos. Saúdo a Mesa e a todos que aqui estão. Quero explicar que a Pastoral Universitária, necessariamente, não está dentro do Setor de Juventude, mas ela colabora muito e trabalha em conjunto.

Queria falar, especificamente, da realidade do jovem universitário. Temos de prestar a atenção, pois há poucos jovens nas universidades diante do grande número de jovens que temos. Então, temos de lutar, hoje, por políticas públicas para que esses jovens tenham mais direito a entrar e a estar dentro de uma universidade. Se pensamos em



mudanças e em tirar os jovens das drogas, temos de pensar em educação, como já foi dito antes.

Então, gostaria de deixar isso claro: a universidade não é hoje só para a classe média e média alta, mas, sim, para todos. Diante disso, vamos pensar em melhores oportunidades para que os jovens possam estar dentro das universidades, a fim de ter um melhor ensino médio público.

Nós estamos aqui para isso, ou seja, nós, enquanto jovens universitários, lutamos por este espaço. Lutamos pelo espaço do jovem, a fim de que todos tenham o direito de estar na universidade para tentar, através da educação, melhorar este País.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Joyce. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)



4869-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Kâhu Pataxó

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Antes de passar a palavra para o próximo orador, registro as presenças da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Stela Mares; Empresa VIP; Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora em Pau da Lima; Obras Sociais de Mãe Rainha; Federação Baiana de Pugilismo; Hospital Sagrada Família; Irmã Letícia Neves; Associação de Moradores da Rocinha no IAPI; Bombeiros da Polícia Militar; Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Itinga; Livraria São Mateus; Pastoral da Juventude e a Prefeitura Municipal de Gandu; Coordenador Regional da PJS; Setre; Agência Bahia Trabalho Descente; Deltur; Juventude do PT de Lauro de Freitas; Paróquia Santa Clara e vereador Luiz Carlos dos Santos da cidade de Ilhéus.

Convido, para fazer uso da palavra, o nosso companheiro Kâhu Pataxó, membro da Comissão de Juventude Pataxó e membro do Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventude.

(Profere saudação em língua indígena.)

O Sr. KÂHU PATAXÓ:-Bom-dia a todos. Gostaria de agradecer por estar aqui presente. Quero saudar a Mesa na pessoa da presidenta do Conselho Estadual de Juventude do Estado da Bahia, Michele. Agradeço também o convite do nosso companheiro deputado Yulo Oiticica.

Gostaria de falar um pouco especificamente sobre as comunidades indígenas, porque, às vezes, somos vistos de forma muito folclórica, se assim posso dizer, fazendo com que o índio só seja índio se estiver todo trajado como estou, com esse traje tradicional. Não deixamos de ser índios porque não estamos trajados. Somos índios por sermos índios, e não simplesmente pela vestimenta. (Palmas)

Remetendo a esta sessão especial pela Campanha da Fraternidade e Juventude, quero dizer que a juventude indígena também faz parte do contexto de juventude da nossa



Bahia, do nosso Brasil. Por sermos índios, parece até que não temos segmentos dentro dos nossos povos, que não há crianças, adolescentes e jovens indígenas. Quero dizer que existimos.

No nosso Brasil não há política para a juventude indígena, que não é vista com a diferença que tem. Moramos em comunidades indígenas que, às vezes, ficam longe da cidade, por isso as políticas públicas não chegam até nós. Somos esquecidos como aqueles índios, como dizem, selvagens, do mato. Somos largados lá à sorte, como as comunidades negras das periferias, que são subjugadas, classificadas como criminosas. São os que a polícia aborda primeiro; primeiro atira para depois perguntar. E as comunidades indígenas são tratadas da mesma forma.

O nosso direito é tirado porque o Estado brasileiro não reconhece o nosso território. Temos cerca de 12% do território nacional, só que nesses 12% existem três grandes terras indígenas nas quais os povos ainda não tiveram contato com a sociedade brasileira. Os que são mais reconhecidos têm as terras maiores. Nós, os povos que tiveram os primeiros contatos aqui no Estado da Bahia, temos as menores terras possíveis.

Quando a reforma agrária chegar ao Brasil, ficaremos felizes porque talvez assim sejamos reconhecidos. Mas se nos remetermos ao local onde a população é assentada, veremos que chega a ter mais de um hectare de espaço para produzir e sobreviver; já a população indígena não tem nem a metade disso. Temos de sobreviver dentro de um território pequeno.

Assim é retirado o nosso direito, o direito da juventude indígena de viver, de ser feliz, de ter simplesmente direito àquilo que é básico, ou seja, a educação, como foi dito aqui, e a saúde. Sabem por quê? Porque uma escola não pode ser construída onde a terra não é homologada, não é reconhecida.

Dessa forma, a nossa juventude e as nossas crianças ficam sem estudar. Também não se pode construir postos de saúde em terras que não são demarcadas, por isso ficamos sem saúde, como estamos hoje.



Nossos parentes estão morrendo. Mulheres morrem no parto, uma coisa tão arcaica, tão antiga. Existem tantas políticas para as mulheres, como a da Cegonha, mas elas não chegam para nós simplesmente porque os nossos direitos são violados, o direito da juventude. As mulheres não podem ter filhos porque morrem no parto, porque não têm atendimento à saúde. O nosso direito é tirado, o nosso direito de juventude, o nosso direito de falar, nosso direito de gritar e dizer: “Niamisu! (Deus!, Criador!)”. Hoje, esse direito é tirado. Gostaria de agradecer ao deputado por este espaço importante para a juventude indígena, para que a gente possa falar, a gente possa dizer o que a gente está sentindo. É simplesmente horrível o que a gente passa e não tem o direito a falar, nem o direito a gritar. Gostaria de agradecer ao deputado por este espaço, e esta Casa por abrir o espaço para que a gente pudesse falar.

Aweri! (obrigado!). Obrigado, deputado Yulo, por este espaço. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Kâhu!

(Não foi revisto pelo orador.)



4870-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Márcio Matos

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido Márcio Matos, secretário da Jornada Mundial da Juventude da Arquidiocese.

Registro as presenças do vereador Mateus, Lauro de Freitas; Patrício Sousa, coordenador do Grupo de Trabalho de Direitos Humanos do Conselho Estadual de Política Pública e de Juventude e do Centro Acadêmico de Serviço Social Dandara.

O Sr. MÁRCIO MATOS:- Bom-dia a todos! Saúdo e agradeço ao deputado Yulo pelo convite, as demais autoridades que estão presentes e fazem parte da Mesa, feliz, também, pelo espaço que nos foi dado para comentar um pouquinho sobre a Jornada Mundial da Juventude. Estou feliz, pois vejo rostos conhecidos. Como responsável pela secretaria da JMJ da Arquidiocese, desde quando recebi o convite do nosso querido bispo auxiliar Dom Gilson – sabiamente escolhido por Dom Murilo para ser o bispo responsável pela juventude da nossa Arquidiocese –, começamos no mês de maio os trabalhos, no ano passado, e nos colocaram algumas metas.

Nesse pequeno tempo, quero partilhar essas metas com vocês. A Arquidiocese de Salvador não tem uma cultura de Jornada Mundial da Juventude. Se fizemos um levantamento, hoje, pouquíssimos jovens da nossa Arquidiocese tiveram experiência com a jornada. A pergunta que nos foi colocada: quantos jovens da Arquidiocese de Salvador nos esforçaremos para levar à Jornada Mundial da Juventude? E a meta ousada foi colocada: será que conseguiríamos levar 20 mil jovens? Diante de uma conversa com alguns padres, decidimos encarar a realidade. Isso seria muito difícil. Reduzimos a meta: a Arquidiocese tem 111 paróquias, fora os colégios católicos, também temos as congregações, comunidades e movimentos. Será que conseguiríamos levar, então, 20 jovens por paróquia, colégio ou movimento pastoral?



Em quase um ano de trabalho, com muita alegria, gostaria de dizer para vocês que esta meta está quase cumprida. Hoje, temos cerca de 600 jovens, até a data presente, inscritos na Jornada. Não temos dúvidas de que até o mês de julho, teremos, no mínimo, dois mil jovens da nossa Arquidiocese para participar da Jornada Mundial da Juventude. Fico muito feliz por isso.

Sei que a juventude da nossa Arquidiocese não está de braços cruzados. Vi isso recentemente na caminhada penitencial da Arquidiocese, que reuniu em média 120 mil pessoas. Vi milhares de jovens espalhados na caminhada, suando e trabalhando para conseguirem custear as despesas da Jornada Mundial da Juventude. Entendemos que o mundo não dá a Jornada Mundial da Juventude como notícia. Não se vê notícia na televisão sobre a Jornada Mundial da Juventude, como gostaríamos. Vocês concordam comigo, não é? A Igreja luta para mostrar a Jornada Mundial da Juventude e a beleza dela, mas a mídia ainda não dá tanta importância.

Quero dizer uma coisa para vocês: o mundo ainda não viu o que a Jornada Mundial da Juventude será. Nesta semana, o mundo viu um pouquinho do que será a Jornada Mundial da Juventude. Na quarta-feira, quando a Igreja apresentou para nós o nosso novo papa Francisco, vimos ali – quem assistiu à apresentação também sentiu o que senti – o que será um pedacinho da Jornada Mundial da Juventude. Mais de 12 milhões de jovens se reunirão na cidade do Rio de Janeiro, e não tenho dúvida de que serão verdadeiramente transformados.

Acredito que nenhum jovem que vá à Jornada Mundial da Juventude volte à sua arquidiocese da mesma forma que foi. Se temos confiança e acreditamos nisso, o que podemos pedir nesta sessão especial, diante de tantos adultos e das autoridades que estão aqui presentes, é que ajudem a nossa juventude a estar presente na Jornada Mundial da Juventude. Sentimos falta disso, e nossas paróquias sentem falta também da presença pública em relação a isso.

A juventude precisa de apoio e ajuda para estar na Jornada Mundial da Juventude. Existe um custo para estarmos lá. Existe ou não existe? Existe! E gostaríamos dessa ajuda?



Claro que sim. Então, se o governo acredita que a jornada é um bem para a Igreja e a sociedade, quero me colocar aqui como a voz da juventude desta arquidiocese. Ajudem os jovens da Arquidiocese de São Salvador a irem à Jornada Mundial da Juventude, porque esta cidade, o Estado da Bahia e todos os outros estados do Brasil só têm a ganhar.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



4871-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Eliton

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido para fazer uso da palavra Eliton, que é educando da Fundac. (Palmas!)

O Sr. ELITON:- Bom-dia a todos. Quero saudar a Mesa, o nosso querido deputado Yulo Oiticica, a Dr^a Ariselma. Estou aqui para falar dos momentos difíceis pelos quais passei na minha vida e que me levaram a praticar atos de delitos horríveis. Minha família não teve assistência do governo, e muitas famílias de muitos jovens também não tiveram assistência do governo. Precisei estar lá, cumprindo medida socioeducativa para ter as oportunidades que tenho hoje.

Tudo isso foi graças à Dr^a Ariselma, Sr. Edilson, Carlos Viana, administrando a Fundac de modo maravilhoso, fazendo os adolescentes botarem a cabeça para pensar, direcionando a vida para a sociedade, e não à margem da sociedade.

Para acabar com a pobreza e criminalidade, deve ser visto no que erramos. No que o País errou? Acredito que todo aquele que não olha para os erros cometidos no passado está condenado a cometê-los novamente.

Vamos olhar para os nossos erros, focalizar os erros. Se é na Saúde, vamos cuidar da Saúde; se é na Educação, vamos cuidar da Educação; se é em todas as áreas, vamos cuidar de todas as áreas. Só isso.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



4872-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or^a Ariselma Pereira

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Eliton.

Convido a diretora da Fundação da Criança e do Adolescente, Ariselma Pereira.

A Sr^a ARISELMA PEREIRA:- Gente, falar depois do Eliton... Estou extremamente emocionada. Quero parabenizar a Assembleia Legislativa na pessoa do meu companheiro de vida e luta que abrilhanta esta Casa - como bem disse o presidente Marcelo Nilo -, o deputado Yulo Oiticica, que ao chegar a esta Casa, professou a sua fé, Dom Gilson, não negando de onde ele veio, das pastorais de juventude, da luta pela juventude, por fazer do seu mandato um instrumento dessa luta sem esquecer as suas origens. Quero cumprimentar Dom Gilson, nossa CNBB, toda a nossa Igreja, a minha e a nossa Igreja, por protagonizar uma campanha com um tema tão importante: a juventude. Quero cumprimentar as diversas juventudes que estão aqui bem representadas por Thiesco, Michele, Marcos, Káhu e Eliton.

Eu não costumo estar emocionada assim, mas eu ouvi Eliton falar. Não tenho mais o que dizer, inclusive a partir do olhar de onde eu estou, que é assumindo a Fundação da Criança e do Adolescente do Estado da Bahia. Eliton disse tudo. O tempo é curto, mas eu só queria deixar aqui uma mensagem, todos nós, Dom Gilson, Igreja, movimentos, governo e sociedade temos de dar as mãos para lutarmos contra a redução da maioridade penal. Quero fazer esse apelo e ser a única fala, inclusive, porque privar os adolescentes de liberdade não é a solução. Eles já foram privados – como bem disse o Eliton – de todos esses direitos que o Estado... Quem é mais violador? Quem mais comete o crime? O adolescente é mais vítima ou algoz da violência?

Então, nesse sentido, quero pedir esse esforço. Já que estamos, aqui, numa Casa Legislativa, sabendo que essa pauta está no Congresso Nacional de forma tão enfática... Como bem disse o nosso deputado, a juventude não é caso de polícia, é caso de políticas



públicas. Nesse sentido, quero deixar essa mensagem, chega de extermínio, chega de violência, chega de marginalizarmos a nossa juventude. É a hora de darmos os braços em torno dessa causa tão importante.

Não quero mais falar, porque estou extremamente emocionada e não costumo ficar assim. Acho que Eliton resumiu bem o que eu poderia falar, aqui.

Um beijo no coração de vocês. Obrigada (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Selma.

(Não foi revisto pelo orador.)



4873-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Michele Vieira

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido a nossa presidenta do Cejuve, Conselho Estadual de Juventude do Estado da Bahia, nossa companheira Michele Vieira.

A Sr^a MICHELE VIEIRA:- Bom dia a todos e a todas. Gostaria de saudar a Mesa em nome de Eliton, um jovem que, hoje, representa a juventude baiana que tanto sofre com as mazelas e a violência que este Estado nos oferece. Quero parabenizar o deputado Yulo Oiticica por ter puxado esta sessão especial. O deputado puxa todos os anos esta sessão, desde o seu primeiro mandato como deputado, mas, Yulo Oiticica, acho que este ano, para mim, enquanto jovem da Pastoral da Juventude, enquanto jovem que representa a juventude baiana, tem um sentimento especial.

Eu sentei à Mesa e, quando o presidente terminou de convidar todos os seus componentes, fiquei emocionada, porque, Thiesco e Eric, me lembrei de todos os espaços, de todas as portas que nos foram fechadas. Apesar de, este ano, se falar de juventude e de a CNBB priorizar a temática da juventude, não temos visto, verdadeiramente, o protagonismo juvenil. Dom Gilson, em alguns espaços, inclusive, a gente teve de pagar para entrar e fazer parte da Campanha da Fraternidade que é nossa.

O companheiro Yulo Oiticica está de parabéns não só por estar celebrando esta sessão especial, mas por ter convidado toda a juventude para construir junto. Ele convidou a juventude da arquidiocese para preparar esta sessão especial, para cantar junto, para declamar um poema. Ele convidou não só a juventude da Igreja Católica, mas todas as juventudes, tendo um representante, aqui, indígena, tendo representantes, aqui, dos jovens que cumprem medidas sócio-educativas. Aí eu quero fazer uma saudação especial para alguns jovens que não estão nessa Mesa, mas que representam também a nossa juventude baiana, que são: Sidnei Argolo, do Conselho Nacional de Juventude; Tiago Azeviche, do Conselho Estadual da Juventude; Helen, que faz parte da UFBA; Patrício, do Conselho



Estadual da Juventude; Yasmim e Sandro, que hoje está na assessoria do deputado Yulo Oiticica ajudando a assessorar a Frente Parlamentar da Juventude. Quero saudar também Jaqueline, nossa assessora da Pastoral da Juventude na Arquidiocese de Salvador.

Quero dizer, Yulo, que somos uma juventude que queremos ter vez, voz e lugar. Uma juventude que quer que a Campanha da Fraternidade não seja apenas um espaço para falar de juventude, mas que priorize o protagonismo juvenil. Uma juventude que quer ser vista, não só com seus problemas, mas também pelos seus direitos. Uma juventude que hoje clama por justiça, por paz, saúde, educação e por mais segurança. Somos hoje 51 milhões de jovens no Brasil inteiro e somos os que mais sofrem com falta de educação e com a violência.

Os homicídios, Selma falou da redução da maior idade penal, não podemos deixar reduzir essa maior idade com o sistema que temos hoje, que ao invés de educar o jovem, apenas deforma. A gente precisa lutar por mais educação, fazer o que a Fundac está fazendo hoje, levar inclusão social para a juventude. Estou trabalhando com prazer, hoje faço parte da Fundac e fico feliz em ver chegar lá os programas de inclusão social da juventude. Então, precisamos lutar por isso, por mais inclusão e não redução da maior idade penal.

Precisamos também dizer que queremos um mundo mais justo e que acreditamos em um mundo melhor. Fico muito feliz quando vejo muitos jovens reunidos, unidos e lutando para ir à Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro. Mas fico muito inquieta também de perceber que a Jornada Mundial da Juventude vai passar e precisamos também priorizar a Campanha da Fraternidade, não só a Jornada Mundial da Juventude, porque a Campanha da Fraternidade é um espaço que devemos usar para dizer o que verdadeiramente nós queremos e precisamos.

Queremos sim ir para a Jornada Mundial da Juventude, mas sabemos que não há espaço para todos. Por isso, Marcos, é que a juventude está na caminhada penitencial vendendo água, salgado e fazendo suas campanhas para estar lá, porque sabemos que não há espaço para todos. Mas desejamos um mundo onde nós jovens não precisaremos pedir para



entrar nem pagar para estarmos lá. Temos que acreditar em um mundo onde nós tenhamos o direito de estarmos lá. É isso que quero pedir.

Quando vinha para a sessão pensei no que iria falar. Eu vim vestir a camisa, porque acho que hoje devemos pensar não só em estar cantando: eis-me aqui, Senhor, mas dizer também chega de violência e extermínio de jovens, chega de não ter educação e moradia, chega de pegar ônibus lotado. Precisamos ter voz, vez e lugar. (Palmas)

Quero concluir minha fala fazendo uma homenagem a uma pessoa que não fecha as portas para a juventude, uma pessoa que sempre lutou, defendeu, que sempre abre as portas para a juventude e sempre que pode dá voz e vez à juventude. Queria homenagear o deputado Yulo, que, em nossas conversas, ele sempre anima a minha caminhada.

Ao acabar o seminário da Campanha da Fraternidade deste ano ele me disse que ficou muito feliz por eu estar na Mesa, representando a juventude. Lembrei-me que há 21 anos a Campanha da Fraternidade era sobre a juventude e os jovens lutaram para falar, porque a Campanha da Fraternidade falava da juventude, mas não havia um jovem na Mesa.

Quero dizer, Yulo, que, infelizmente, ainda não é diferente, mas acredito que espaços como este que você abriu as portas para nós – e coloca na Mesa, em sua grande maioria, jovens – precisam ser conquistados.

Agradeço de coração por este espaço e por sua história como assessor da Pastoral da Juventude, como um jovem do meio popular e, hoje, como um deputado que desde o seu primeiro mandato pautou as Campanhas da Fraternidade.

E neste ano, na Campanha da Fraternidade da Juventude, acho que nada mais justo do que fazermos uma homenagem a você e dizer que é de coração. Que Deus lhe dê força para mais e mais anos de mandatos para lutar pela juventude, abrir as portas para essa juventude que tanto precisa de políticas públicas.

Muito obrigada.

(Homenagem ao deputado Yulo Oiticica.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado.

Ainda bem que sou jovem, Dom Gilson, e aguento essas emoções.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pela oradora.)



4874-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Thiesco Crisóstomo

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido o nosso companheiro Thiesco, secretário da Pastoral da Juventude Nacional, para fazer uso da palavra.

O Sr. THIESCO CRISÓSTOMO:- Bom dia a todos e a todas.

Antes de começar minha fala, queria saudar a Mesa e o deputado Yulo Oiticica pelo convite.

Gostaria de saudar especialmente o PM Absolon por sua coragem e lucidez. Eu nunca ouvi um homem que trabalha num órgão tido como de segurança, mas que na maioria das vezes é repressor, ter a coragem de falar da necessidade de não militarizar os espaços educacionais neste País.

Falar de Campanha da Fraternidade no Brasil é falar do engajamento político e social que a igreja, neste País, mantém ao longo desses 50 anos de Campanha da Fraternidade. Bem, digo isso tendo em vista toda uma caminhada na também latino-americana.

A igreja, na América Latina, tem uma identidade própria. Talvez não tenha sido por acaso a escolha do novo papa latino-americano e ter escolhido o nome de Francisco, o santo e grande homem na história da igreja. Talvez, após Cristo, Francisco tenha sido o grande homem. Isso demonstra, também, como a igreja do mundo inteiro se coloca para ouvir os clamores e, também, a identidade latino-americana.

Eu queria falar, de um modo especial, sobre esta Campanha da Fraternidade que fala sobre juventude e o que ela tem a dizer para nós que somos jovens. Acredito que uma pauta tão importante como esta que tem rolado em todos os espaços sociais, a igreja traz com um olhar atento e qualificado, porque, ao longo desses anos, as organizações de juventude da igreja, especialmente as pastorais da igreja católica, têm dado uma qualidade importantíssima ao debate, especialmente das políticas públicas de juventude neste País.



Uma coisa que eu queria deixar bem claro é a necessidade de, além de falar sobre a juventude, ouvir a juventude. Talvez a campanha, neste momento, nesta audiência e nesta sessão, tenha alcançado um dos seus objetivos principais que é o de pôr a sociedade em torno da pauta da juventude, mas, especialmente, ouvir a juventude no que diz respeito à sua vida.

Existem duas pautas que nós, jovens, precisamos estar atentos. Sempre devemos dialogar com a sociedade brasileira, com a igreja e com os governos. Um dos assuntos – já tão falado aqui – é a redução da maioridade penal. Acho, de fato, importante que toda a sociedade brasileira se coloque à disposição, de mãos dadas, para acabar com esta história de reduzir a maioridade penal.

É triste ouvir isso de pessoas inclusive de dentro da igreja que são a favor da tal redução penal. Sabemos que há pessoas do corpo da igreja que são a favor da redução da maioridade penal, pois não compreendem que o processo é outro, ou seja, o processo não é criminalizar mas, sim, o processo é dar a vida e ir em busca do que é, de fato, a causa da violência e do extermínio de jovens.

Há uma outra pauta que eu gostaria de colocar, qual seja, a campanha nacional contra o extermínio de jovens que a Pastoral da Juventude do Brasil tem colocado para toda a sociedade. É uma pauta difícil de se lidar, pois quando trabalhamos com violência e extermínio, nós afirmamos que existem grupos de extermínio neste País tanto do ponto de vista de milícias, quanto do ponto de vista das próprias polícias no País inteiro.

É uma vergonha para um estado como a Bahia ser um dos estados que, dentro do índice de violência contra a juventude, tem um número tão alto; onde há cidades, nesses índices inclusive e nesses últimos anos, sendo sempre as primeiras cidades. E, aí, com muita dor e pesar, eu me coloco também, porque a minha cidade sempre aparece.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Para concluir, por favor.

O Sr. THIESCO CRISÓSTOMO:- Sou do Pará e moro em Marabá. E, neste último índice, duas cidades aparecem, quais sejam, primeiro, Eunápolis na Bahia e, segundo, Marabá. É uma tristeza. Acredito que a igreja, a sociedade civil e os governos como um todo



precisam avançar na construção de pautas que melhorem esta situação e que, na verdade, acabem com esta situação.

Para finalizar a minha fala, eu gostaria de falar a respeito da Jornada Mundial da Juventude no Brasil que acredito ter uma tarefa específica importante. Infelizmente, as jornadas mundiais não têm conseguido dar vazão às pautas relativas à vida da juventude. É um espaço que nós vamos para encontrar diversas juventudes. Mas esta juventude não debate, entre si, sobre as suas vidas.

Com todo o arcabouço de questões que a própria igreja, aqui, tem fomentado a juventude a debater, talvez a juventude brasileira possa mostrar para as outras juventudes e para as outras igrejas do mundo inteiro como se faz pastoral neste contexto e como se faz igreja neste País. E, aí apresentar espaços nos quais as juventudes possam ser ouvidas, seja nas catequese ou em outros lugares que sejam constituídos no Rio de Janeiro ou nas Semanas Missionárias, de modo especial nas dioceses.

E a Campanha da Fraternidade deste ano traz a possibilidade de promover espaços em que sejam discutidas políticas públicas, a vida dos jovens e o engajamento dessa juventude nos diversos espaços da sociedade.

Que esta Jornada Mundial da Juventude no Brasil seja um espaço para congregar a juventude e, acima de tudo, para que se ouça a juventude, os seus anseios e os seus clamores.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4875-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Pablo Roberto

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Thiesco.

Com a palavra o vereador de Feira de Santana Pablo Roberto.

O Sr. PABLO ROBERTO:- Cumprimento a Mesa e todos os demais presentes na pessoa do deputado Yulo Oiticica. Ao tempo em que manifesto a minha satisfação por participar desta atividade de fundamental importância para o tema, parabenizo a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil na pessoa do Dom Gilson. Sem dúvida, esse tema muito contribuirá para o debate acerca da juventude em todo o Brasil e, certamente, no mundo.

A nossa cidade, Feira de Santana, enfrentamos muitos problemas com relação à juventude. Ontem, por exemplo, os noticiários estaduais e nacionais divulgaram que uma criança de apenas 9 anos, que estava em casa se arrumando para ir à escola, foi vítima de dois tiros na cabeça, indo a óbito.

Feira de Santana também enfrenta grande dificuldade por problemas que acontecem pela falta de políticas públicas voltadas para a juventude. Preocupado com isso, o nosso mandato apresentou um projeto de lei, na Câmara de Vereadores, propondo um Plano Municipal para a Juventude. É uma proposição para tentar ajudar aquele município a fazer o enfrentamento dessa questão buscando favorecer aquela juventude, que ao longo dos anos vem sempre ficando à margem da sociedade.

Agradecemos, deputado, por sua iniciativa. Afirmamos que o nosso mandato está à disposição para contribuir com esse importante debate.

Muito obrigado. Bom-dia a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4876-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Marcos Pereira

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, vereador.

Com a palavra Marcos Pereira, da Coordenação de Juventude do governo do Estado da Bahia.

Registro as presenças de Manoel Conrado Ribeiro Filho, coordenador do Instituto Vanguarda, e do nosso companheiro Antônio José dos Santos, presidente do Sinposba, Sindicato dos Trabalhadores de Postos de Combustíveis do Estado da Bahia.

O Sr. MARCOS PEREIRA:- Bom-dia a todos e a todas. Vou tentar ser breve, até porque se tocarem essa buzina, vou acabar ficando nervoso, é uma agonia.

Muitos pronunciamentos de qualidade foram feitos aqui. Sinto-me muito bem representado nessa Mesa composta por jovens amigos meus, referências na política de juventude. Quero saudá-los nas pessoas do deputado Yulo, de Dom Gilson, de Michele, de Thiesco e de Sérgio.

De fato, a alegria toma conta desta Casa. Acompanho os debates de juventude há alguns anos, e quando vejo nessa Mesa... Não sei se na história desta Casa um jovem já ocupou a sua Mesa. Isso é emocionante, é histórico. (Palmas)

Isso prova que estamos tendo oportunidade, que a juventude começa a ocupar esses espaços quando elege pessoas comprometidas com a política de juventude, como V.Ex^a. Os avanços que estamos tendo nos últimos anos nessa área têm muito a ver com o compromisso dos atores que nesta Casa nos defendem.

Esta semana, deputado, enviamos um ofício da Coordenação de Juventude, órgão da Serin, pedindo informações sobre os projetos e as ações que existem nesta Casa relacionados com a juventude, até para que possamos acompanhar e intervir na sua aprovação.



Para a nossa alegria – e também para a nossa tristeza – percebemos que há um marco legal: antes da sua existência, não havia quase nada com relação a juventude; quando havia debates, o jovem era visto como um problema. A partir da sua intervenção começamos a perceber que vários projetos começam a olhar o jovem como sujeito de direitos.

Isso é cultura, é avanço nas políticas de juventude. Avanços que o governo Dilma está proporcionando, que Lula proporcionou e que o governo Wagner também proporciona. Acho que os desafios são muitos ainda, é bem verdade que aprovamos o Plano Estadual da Juventude, temos aqui o Conselho Estadual da Juventude, temos a coordenação da juventude, mas, infelizmente, restam ainda alguns desafios, e para nós o principal é justamente isso que toca, como a campanha da PJ, o extermínio dos nossos jovens. É olhar os jovens como de fato sujeitos de direitos e implementar ações e políticas de juventude.

Então, quero aqui externar a minha alegria de ver esta Casa pintada de jovens, e aí os convoco, a juventude, principalmente, para não só vir aqui em dia de sessão especial, mas de vir aqui acompanhar o dia a dia desta Casa. Estar na tribuna aqui, nós vamos começar a ocupar esses espaços, de tribuna e de Mesa Diretora, porque assim vamos dar passos largos para efetivar, de fato, os nossos direitos.

É com emoção que deixo aqui as minhas palavras e quero saudar, para terminar, aqueles que contribuem no dia a dia para a juventude, como o companheiro Tiago Azeviche, do Conselho, como também o companheiro Sidney Argolo, a companheira Jéssica, entre outros que, verdadeiramente, no dia a dia, constroem os avanços da política de juventude na Bahia e no Brasil.

Quero deixar aqui o meu muito obrigado, externar, de fato, a minha emoção por fazer parte deste momento, que para mim é histórico. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4877-III

Ses. Esp.15/03/13

Or. Sargento Absolon

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Marcos.

Convido o Sargento Absolon, que solicitou fazer uma intervenção breve, e em seguida ouviremos Dom Gilson.

O Sr. SARGENTO ABSOLON:- Pessoal, muito obrigado, fiz aquela intervenção em confiança na amizade que tenho ao deputado Yulo, trabalhamos juntos aqui e em Brasília defendendo os direitos humanos. Não é isso, deputado? Fiz aquela intervenção.

Pessoal, é o seguinte: sou católico, sou concilista, e não sou de Salvador, sou de Vitória da Conquista, onde transformei minha casa na Casa do Menor Abandonado. Convidado para passar um ano em Salvador, chegando aqui, já estou há 18 anos. Moro há 17 anos no bairro do Beiru, ando fardado e desarmado. Alguém quer transformar Salvador nos morros do Rio de Janeiro. Mas prometi ao deputado Yulo ser bem ético aqui.

Ora, se os policiais militares com essa ação, fazendo dessa maneira, então quem está aqui e é jovem quer entrar na Polícia Militar e fica pensando que a Polícia Militar é só isso. Mas isso não basta. Nós, policiais militares, queremos fazer uma parceria com a sociedade, e para isso as políticas públicas têm que ser ouvidas também e devem ser feitas com a participação dos policiais militares.

Entrei na polícia de segundo livro, hoje há soldados com curso superior, mestrado e doutorado. Então, por favor, a oportunidade que está dando ao índio, ao jovem educando na Fundac, ao jovem que é de Sussuarana e que é vizinho de onde a Polícia Militar fez esse trabalho, dê-se também aos policiais militares do Estado da Bahia, para virem aqui, deputado Yulo, mostrar que nós somos baianos. Tem brasileiros de todos os Estados na Polícia da Bahia. Por favor, aqui é um espaço público para todos e para todas.

Para encerrar, em nome dos 188 anos da nossa Polícia Militar, estou pedindo aqui que visitem a biblioteca da Polícia Militar do Estado da Bahia, lá tem projetos, programas,



monografias de trabalhos técnicos e científicos para combater a violência. Não precisamos importar o Proerd dos Estados Unidos, não precisamos importar do governo de Pernambuco o Pacto pela Vida, não podemos aceitar que em Salvador tenha o modelo de Bogotá. Até as cores das viaturas da polícia do Rio de Janeiro estão aqui.

Não precisamos que o governo do Estado da Bahia mande oficiais e praças cobrar pedágios para ensinar como os polícias da Bahia colocam em prática o Proerd nem as bases militares. Isto é base militar, 120 homens em um bairro? Isso é uma base militar, é diferente de um trabalho social.

E para finalizar, deputado, mostro aqui um trabalho feito com 1.816 crianças e adolescentes em 91 bairros de Salvador, aqui está em 96 e 97, e ali está um dos seus assessores, isso é o resultado da Polícia Militar do Estado da Bahia que tem um perfil de uma polícia humanitária.

Muito obrigado, deputado, o aguardamos em Brasília para lhe dar um abraço.

Fico a sua disposição para colaborar e ainda quero adotar Marquinho, ele é um excelente jovem para fazer parte desse trabalho.

(Não foi revisto pelo orador.)



4878-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Carlos Prazeres

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido para fazer uma breve intervenção o nosso companheiro Carlos Prazeres da Paróquia São Cosme e São Damião da Liberdade.

O Sr. CARLOS PRAZERES:- O prazer é nosso de estar aqui. Quero agradecer a Deus, agradecer ao novo Papa que não quer uma Igreja convertida em ONG, mas uma igreja em movimento e a igreja em movimento não é dentro do templo, é pegando no arado e o arado está sempre fora, não é verdade?

Quero parabenizar, deputado Yulo, esta Mesa e que sirva de exemplo para todas as sessões futuras e audiências públicas, uma Mesa que ficou até o final. Isso é uma coisa que questiono muito, a Mesa é convidada e só vem aqui se pronunciar, se despedir e ir embora, a exemplo do presidente que não concordou, deu uma justificativa que não cabe. Mas quando se convida a pessoa deve priorizar. No ano passado foi a mesma coisa, levantaram para ir a uma posse do companheiro Gabrielli, que foi mais importante do que a saúde.

Vou contar duas breves historinhas para mostrar onde começa o problema da juventude. Ouvia pela Rádio Excelsior que uma mãe seria processada porque deixou o filho acorrentado em casa enquanto ela ia trabalhar. Não concordando com aquela atitude. Liguei e disse: e quando a mãe vai trabalhar e leva o filho junto, querem processá-la porque está explorando o filho, levando o filho para vender balas; quando essa mãe vai e deixa o filho em casa, querem processá-la porque abandonou o incapaz. E quem processa o estado e o município que não dão a devida condição, a escola-creche para essa mãe deixar o filho em segurança e ganhar o pão para esse mesmo filho.

Outra história, na Rádio Excelsior eu ouvia Santarine dizer: veja o currículo longo desse jovem de 18 anos, um currículo de crime. E dizia que o jovem era filho de uma mãe catadora de lixo. Angustiado eu ligava, conseguia falar e dizia: o que essa mãe era quando esse jovem ainda estava no ventre? O que essa mãe era quando esse jovem nasceu e onde ele



nasceu? Como esse jovem foi criado? Qual foi o seu primeiro emprego? Talvez avião, transportador de drogas. E a sociedade, o estado, e a prefeitura, e a sociedade como um todo, e a igreja o que fazem com essas crianças que estão hoje aí no ventre das suas mães passando necessidade, que estão nas esquinas sem ter um abrigo, uma escola, Yulo.

Por isso questiono sempre, a educação é a base de tudo. O culpado não é a família, porque se der educação até as crianças, as famílias que forem formadas por jovens bem educados serão diferentes. Não vai precisar de segurança com essa intensidade que se procura hoje, não vai precisar de tantos hospitais. E é por isso a minha angústia em lutar por educação de qualidade, para ver um dia Duque de Caxias, Iceia, Central e Severino, que sempre foram o quadripé da educação da Bahia, fazer o que o Salesiano fez, colocou um outdoor dizendo: 93% dos alunos são aprovados em vestibular. E eu perguntei isso ao Capitão Tadeu, na Rádio Excelsior e ele não pôde responder qual o percentual de jovens que são aprovados em vestibular e em concurso público da escola pública. É zero, zero, zero e alguma coisa, companheiro Yulo, pela vontade do próprio jovem, não pela educação, porque o governo se preocupa em construir escola de qualidade, que é o prédio de qualidade mas a educação é tão ruim quanto qualquer outro da escola pública.

É essa a minha angústia. E peço a você que faça desta Casa de fato o morão dessa educação, a base dessa educação. E que num momento como esse tivesse aqui, no mínimo, 10% dos deputados desta Casa. Ou esse assunto não é importante, a juventude? É isso, Yulo, me perdoe o desabafo, e peço aos jovens que imitem esse humilde companheiro de vocês para interromper, gritar, ser protagonista, porque direito não se pede, não, direito a gente exige.

E a nossa igreja, Dom Gilson, precisa aprender a dizer sim aos jovens. Dizer não é necessário, mas o não inteligente, o não da sabedoria, o não com justificativa. Não o não como os padres e muitos adultos dão. O não porque “quem manda aqui sou eu”. Não deve ser assim, deve-se dar oportunidade para que os jovens possam demonstrar, como os jovens da Paróquia São Daniel, se não me falha a memória, do saudoso Padre Franco, esses jovens



estão apresentando aqui, porque tiveram o sim, o sim da sabedoria. Jovem, não aceite o não pelo não, mas o não sempre justificado.

Parabéns e viva a juventude! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4879-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Expedito

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Prazeres.

O Sr. Expedito irá fazer uma fala bem rapidinha mesmo.

O Sr. EXPEDITO:- Boa tarde aos senhores e senhoras. Não conheço todo mundo, mas sou conhecido no mundo inteiro. Não gostaria de receber esse título, mas há 12 anos eu trabalhava na CASE, em Simões Filho, perdi uma colega assistente social, comandeí 340... Eu era coordenador na época do governo... A cúpula, Secretaria da Segurança, Polícia Militar, Fundac, todos... Eu gostaria de passar aos colegas que endosso as palavras... Hoje eu sou católico e acho que a palavra hoje não é só educação, não é segurança. Seria união, porque o título que eu passei, eu não gostaria de lembrar, pela primeira vez estou me pronunciando hoje através do convite do coordenador do CASE e do deputado Yulo. E eu gostaria de pedir para mudar esse passado. Ontem foi ontem. Vamos mudar a filosofia daqui para frente. Hoje é outro dia, amanhã é outro dia. Ganhamos uma grande notícia com o primeiro papa sul-americano, Vamos mudar!

Agradeço aqui por vocês me ouvirem. Sou conhecido no mundo inteiro através de jornais, mas não gostaria de receber nenhum prêmio por isso, inclusive fui convidado. Agradeço pela oportunidade. E vamos mudar a filosofia de que só depende de segurança, da Polícia Militar. Não. Precisa só de união, união é a palavra adequada de todas as religiões e de todas as categorias.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4880-III

Ses. Esp. 15/03/13

Or. Dom Gilson Andrade

Homenagem à Campanha da Fraternidade 2013.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido Dom Gilson Andrade da Silva, bispo auxiliar da nossa Arquidiocese de São Salvador.

O Sr. DOM GILSON ANDRADE:- Gostaria de saudar o deputado Yulo Oiticica e parabenizá-lo pela bela sessão e pela representatividade de juventude nesta sessão. Saúdo os demais componentes da Mesa e quero parabenizar também toda a juventude que ficou praticamente toda a manhã ouvindo coisas muito interessantes, eu não quero cansá-los mais.

Gostaria de fazer simplesmente esse gesto de parabenizar, mas lembrar também o significado desta sessão especial tratando da Campanha da Fraternidade que fala da Juventude neste lugar. Nós não estamos numa igreja, não estamos num centro pastoral, estamos numa casa que é do povo, numa casa pública, onde se discutem questões importantíssimas do nosso Estado. Nós viemos aqui dizer que nos interessamos por tudo aquilo que se refere a políticas públicas relativas à juventude. Então essa é uma oportunidade única para nós.

Em muitos lugares há uma discussão de que o Estado é laico. E é verdade que ele é laico, mas aquilo que debatemos em nossas igrejas, seja a Igreja Católica ou outras, são realidades que interessam a toda a Nação, a todo o Estado, a toda a cidade. Por isso, viemos aqui como cristãos - muitos, mas sobretudo como cidadãos - dizendo: “Olha, a Igreja Católica coloca na pauta das suas discussões neste ano, na Campanha da Fraternidade, o tema da juventude.”

Não vou recordar agora tantas situações que reclamam a atenção do poder público para a juventude. Já falamos de várias. Mas simplesmente quero exortar, como pastor e bispo que sou, a que nós católicos realmente tenhamos essa coragem de ir aos lugares públicos apresentar os questionamentos que queremos fazer à nossa sociedade, porque o



Evangelho traz também uma proposta grande de transformação do homem e, a partir desta, da própria da sociedade. Isso aqui também é anúncio do Evangelho, o que estamos fazendo.

E gostaria de continuar na fala do Márcio, dizendo da beleza da Jornada Mundial da Juventude. O que encontrei, como representante de D. Murilo na organização dessa jornada, foi um reencantamento dos jovens pela causa da juventude. O que estamos experimentando em Salvador é um interesse novo pela juventude. Por que o mundo mudou? A juventude também mudou. Hoje são outros os apelos da juventude, e temos que estar atentos.

Achei muito bonito o cardeal Rylko - ele é o responsável pela Jornada Mundial da Juventude -, que, quando esteve no Brasil, disse: “A Jornada Mundial da Juventude não é ponto de chegada, é ponto de partida. E é o lugar onde paramos para escutar essa geração.” Foi isso que João Paulo II fez, uma coisa iluminada.

Esses dias, falando num colégio, eu dizia: “A Jornada Mundial da Juventude antecipou as redes sociais.” Quando não havia redes sociais na internet, a Jornada Mundial da Juventude já funcionava quase como rede social. E assim, de alguma forma, o olhar daquele pastor via a juventude do futuro. E a juventude do futuro precisa ser atendida nas suas necessidades. E a Jornada Mundial da Juventude é uma resposta da Igreja para um tempo novo de uma juventude nova.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 15/03/13

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Dom Gilson.

Convido a todos para ouvir o Hino da Jornada Mundial da Juventude.

(Execução do Hino.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado à Banda Divina Luz pela colaboração.

Quero saudar o nosso amigo Silvino, da Pastoral do Idoso, da Pastoral Carcerária, da nossa Paróquia de Sussuarana; o gerente de unidade da Fundac, nosso companheiro Danilo; Ednei, de Feira de Santana; nosso companheiro Carlos Viana, da CASE de Salvador; e JR, coordenador do CSU de Mussurunga.

Concluo dizendo o que Eliton falou: eu acho que, de fato, como já foi colocado por Marcos na tribuna desta Casa, Dom Gilson, isso que estamos vivendo aqui – e, obviamente, graças a todos nós – é radicalizar a democracia. Isso é fundamental. Quando alguns criticam a democracia e me perguntam o que eu acho melhor, digo que melhor que democracia só mais democracia. E eu acho que o nosso papel, companheiro Moisés, é radicalizá-la nessa perspectiva.

Eliton disse uma frase, Ariselma, que acho que diz tudo desta sessão. Ele disse: “Nós não queremos estar na margem”. Essa é a frase que ilustra esta sessão especial. A juventude não pode, não deve e não quer estar na margem, ela quer estar no centro do debate, quer estar no centro da formulação, quer estar no centro da gestão, e isso se faz vivendo o que são, hoje, Marcos, você que é do governo, as contradições do poder.

Lembra Marcos, aqui, que está no governo (risos), pois, na verdade, ninguém é.

Precisamos, verdadeiramente, compreender que esse debate e essa disputa se dão todo o tempo em todos os lugares. E nós somos exatamente isso, a possibilidade real de construir unidade na diversidade, na perspectiva de garantir direitos para nossa juventude.



Quero agradecer a todos e a todas que estão aqui. Sem dúvida todos os encontros nos remetem, Thiesco, a compreender o nosso papel. A Jornada Mundial da Juventude, como disse Dom Gilson, não é fim, é começo. Guimarães Rosa costumava dizer que o mais importante não está no começo nem no final, está na travessia, e nós estamos na travessia.

A Jornada da Juventude é, sobretudo, uma oportunidade de, Eliton, tirar da margem e colocar no centro em nosso País a juventude, no centro da formulação de políticas públicas. Se ontem as portas estavam fechadas e a juventude teve a capacidade de se organizar e abri-las, hoje, sem dúvida, a juventude está dentro do contexto, está dentro dos espaços. E é essa ousadia, Thiesco, que precisamos estimular, a ousadia capaz de questionar, de protestar, mas também de formular e propor políticas públicas concretas.

Dom Gilson, esta, de fato, é uma Casa que tem que seguir o que diz a nossa legislação, que somos um Estado laico, mas todos nós que estamos aqui – eu não tenho dúvidas de que falo por todos –, vou usar palavras pouco divinas, mas muito humanas, temos muito prazer, muita satisfação, muito orgulho de sermos católicos. E isso é fundamental para nós, ratificar a nossa fé em um homem que teve a coragem de vencer a cruz, vencer a morte e nos inspirar para estar na luta, para estar transformando o mundo na certeza de que um outro mundo é possível.

Quem nos inspira é um homem que venceu a morte e, muito mais do que escrever, testemunhou a possibilidade real de uma sociedade mais justa e mais igual. É Jesus Cristo que nos inspira a construir este outro mundo possível. E é exatamente por conta dessa palavra, como eu disse, mais humana do que divina, que eu gostaria que o senhor, não um deputado, fechasse a nossa sessão com uma benção final, na certeza de que a nossa fé nos inspira para uma ação concreta e transformadora.

O Sr. Dom Gilson Andrade da Silva:- Uma das últimas palavras do papa Bento, agora papa emérito, foi a mensagem que ele nos deu para a Campanha da Fraternidade, no Brasil. Naquela mensagem, ele disse uma coisa que me marcou muito, ou seja, que deveríamos formar guias que pudessem ajudar os jovens a serem protagonistas de um novo tempo na humanidade. Por quê? Porque a juventude é sinal dos tempos. Ele dizia que se nós



não prestarmos atenção à juventude, vamos perder oportunidades de grandes renovações na sociedade e na Igreja. Acho que foi olhando para a juventude, também, que ele tomou a decisão que tomou. Ele sabia que não poderia vir ao Rio de Janeiro. Ele queria que os jovens se encontrassem com o papa, com o sucessor de Pedro. (Palmas)

Então, parece-me que o elemento que também pesou foi o amor de Bento XVI pela juventude. Tivemos agora a eleição desse papa, um sinal do sorriso de Deus, da bondade de Deus, da simplicidade de Deus, cujo nome manifesta a fragilidade de um homem, mas também, ao mesmo tempo, a sua grandeza pela ação de Deus. Francisco reconstruiu a Igreja na simplicidade e na pobreza.

Queria convidar a todos que estão aqui, os católicos e também aqueles que não são católicos, para que juntos, antes da benção, rezássemos a oração dos cristãos, comum a todos nós, a oração que o Senhor nos ensinou.

(É rezado o Pai-Nosso.)

O Senhor esteja convosco. Que o Senhor abençoe a todos os presentes, abençoe esta Casa para que aqui se façam leis justas, leis que respeitem os direitos fundamentais da pessoa. A partir desta juventude que está aqui, que abençoe todos os jovens da nossa cidade, do nosso Estado. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado a todos.

Está encerrada a nossa sessão.